

O USO DA TELEVISÃO NO APRENDIZADO DE HISTÓRIA: POPULARIZAÇÃO E BUSCA POR CONHECIMENTO A PARTIR DE NOVELAS DE ÉPOCA

*The use of television in history teaching: popularization and the search for knowledge from
epoch novels*

*El uso de la televisión en la enseñanza de la historia: divulgación y búsqueda del
conocimiento a partir de las novelas de época*

Marcelle Lopes de Souza¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo debater as repercussões que a telenovela de época *Novo Mundo* (2017) proporcionou nas mídias digitais ao impulsionar debates nas redes sociais e alavancar as buscas na plataforma do Google pela figura da Princesa Leopoldina. A partir de conexões com exposições museológicas, buscamos demonstrar a importância do figurino na construção ficcional por aproximar os telespectadores da personagem, incentivando-os a praticarem a chamada “cultura participativa” de Henry Jenkins. Desta forma, nos questionamos como a televisão enquanto experiência cultural pode contribuir para a disseminação de conhecimento histórico ao apontar a telenovela de época como um meio de produção de cultura visual e material.

Palavras-chave: Televisão. Novela de época. Mídia. Representação. Memória.

Abstract: This article aims to discuss the repercussions that the period soap opera *Novo Mundo* (2017) had on digital media by boosting debates on social media and boosting searches on the Google platform for the figure of Princess Leopoldina. Based on connections with museum exhibitions, we seek to demonstrate the importance of costumes in fictional construction by bringing viewers closer to the character, encouraging them to practice Henry Jenkins' so-called “participatory culture”. In this way, we question how television as a cultural experience can contribute to the dissemination of historical knowledge by pointing out period soap operas as a means of producing visual and material culture.

Keywords: Television. Period novel. Media. Representation. Memory.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir las repercusiones que la telenovela de época *Novo Mundo* (2017) tuvo en los medios digitales al impulsar los debates en las redes sociales y las búsquedas en la plataforma Google de la figura de la Princesa Leopoldina. A partir de conexiones con exposiciones de museos, buscamos demostrar la importancia del

¹ Doutoranda em História, Política e Bens Culturais pela FGV/CPDOC. Bolsista CAPES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Marcellelopes.hist@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3604182189693189>; ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0009-8677-8481>.

vestuário en la construcción ficcional acercando a los espectadores al personaje, animándolos a practicar la llamada “cultura participativa” de Henry Jenkins. De esta manera, cuestionamos cómo la televisión como experiencia cultural puede contribuir a la difusión del conocimiento histórico, señalando las telenovelas de época como un medio de producción de cultura visual y material.

Palabras clave: Televisión. Novela de época. Medios de comunicación. Representación. Memoria.

Introdução

Exibida na Rede Globo pela primeira vez no horário das seis da tarde, entre Março e Setembro de 2017, a telenovela *Novo Mundo* trouxe uma mistura de realidade e ficção para a televisão brasileira. A obra do diretor Vinicius Coimbra oferece aos seus telespectadores não apenas uma narrativa histórica baseada na historiografia do Brasil Imperial, como também uma série de referências imagéticas que remetem ao Primeiro Reinado. Analisando as conexões que a produção da telenovela estabelece para além do discurso histórico presente em suas imagens, nos deparamos com a construção de uma narrativa histórica e dramaturgic que se apresenta para além do espaço midiático da televisão.

A partir do fenômeno de convergência dos meios de comunicação (JENKINS, 2009), *Novo Mundo* entra em contato com o museu e a internet, na busca por expandir as imagens históricas presentes das telas da televisão para outros espaços. De acordo com Henry Jenkins, “a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (2009, p. 30). Logo, ela se refere não apenas ao fluxo de conteúdos, como também ao público que está acessando essas plataformas de mídia.

No caso de *Novo Mundo*, esse incentivo vai se dar em dois momentos: no evento de lançamento da novela, o qual aconteceu dentro de uma exposição no Museu de Arte do Rio de Janeiro, e na exposição de figurinos que a Rede Globo produziu para promover a reta final da dramaturgia em uma mostra de design em Belo Horizonte. Ao extrapolar a televisão como o seu espaço de produção artística e divulgação de conhecimento, a telenovela adentra o museu e estabelece uma relação transmidiática com esse meio. Mobilizando Jason Mittell, esclarecemos que essas extensões de transmídia são formadas a partir da relação que a mídia, como texto principal, tem com os seus paratextos (2015, p. 125). *Novo Mundo* tem como conexão duas exposições que podemos determinar como os seus paratextos, uma vez que elas cumprem o papel de apresentar, divulgar e promover a dramaturgia como texto principal.

A partir desse processo de expansão das mídias no âmbito social, a novela consegue estabelecer conexões com o discurso histórico do museu, aproximar o público da cultura material presente na exposição de figurinos e validar o conteúdo histórico presente em sua dramaturgia. Tal relação transmidiática se coloca como determinante no processo de midiaticização da sociedade. A televisão, enquanto mídia de massa, consegue não apenas adentrar em diversas camadas sociais, como também desempenhar um papel importante na globalização da “cultura da memória” a partir da atuação da indústria cultural.

Pensando as imbricações que a TV estabelece com as exposições enquanto lugar de mediação da memória², analisaremos ao longo deste artigo como a novela *Novo Mundo* se estabelece enquanto uma mídia de matriz de memórias históricas, e de que forma os telespectadores se relacionam e contribuem para a construção e disseminação desse conteúdo histórico a partir da sua atuação ativa nas mídias digitais. Como metodologia, analisaremos *posts* feitos no *Facebook*, no *Instagram* e também no antigo *Twitter*, atual *X*. O critério de seleção das postagens relevantes para serem analisadas neste artigo foi determinado a partir de uma mineração de dados utilizando a *hashtag* “Novo Mundo” e os termos “leopoldina” e “novo mundo”, os quais estão sinalizados em negrito nos *tweets*. Como esse trabalho foi feito a partir de *prints* sem o consentimento das pessoas expostas, escolhemos preservar o nome e a imagem dos perfis que expuseram alguma informação sobre *Novo Mundo* em suas redes sociais. Assim, manteremos apenas o nome de instituições e figuras públicas.

Maria Leopoldina, a Princesa do Brasil

Leopoldina Carolina Josefa de Habsburgo-Lorena, a arquiduquesa da Áustria e que se tornou a primeira imperatriz do Brasil, nasceu em 22 de janeiro de 1797, no Palácio de Hofburg, na cidade de Viena. Leopoldina pertencia à Casa de Habsburgo-Lorena, uma das mais nobres famílias de poderosas dinastias da Europa, a qual teve o controle da Áustria por quase 700 anos, entre 1282 e 1918. Era filha do último imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Francisco II, e de sua segunda esposa e prima Maria Teresa, princesa de Nápoles e Sicília.

² Nesse caso, o conceito de memória que nos referimos é aquele utilizado por Halbwachs para se referir à memória coletiva, a qual se expõe a partir da representação do passado atribuída por um grupo social determinado (HALBWACHS, 2004).

A Princesa teve uma educação rigorosa, onde aprendeu além da leitura e da escrita, canto, dança, desenho, pintura, literatura, história, geografia, matemática e física. Dentre as línguas estrangeiras, Leopoldina sabia alemão, francês, italiano, inglês, latim e grego. No entanto, seus maiores interesses estavam voltados para as disciplinas de ciências naturais, sobretudo, a botânica e a mineralogia. Tal inclinação incentivou Leopoldina a praticar o colecionismo em seu palácio, onde construiu um jardim botânico e um acervo repleto de rochas, pedras preciosas e conchas. Além desses atributos, Maria Leopoldina também foi educada para ser uma governante. Seu primeiro ato político foi realizado, em Viena, no dia 13 de maio de 1817, quando casou-se por procuração com D. Pedro I, filho de João VI e de Carlota Joaquina da Espanha, e herdeiro do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, a fim de estabelecer uma aliança política entre os reinos dos noivos.

A narrativa de *Novo Mundo* se inicia apresentando esse fato histórico, ilustrando Maria Leopoldina da Áustria atravessando o Atlântico para tornar-se esposa de Dom Pedro I, constituindo-se princesa do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Tais personagens históricos são interpretados, respectivamente, pelos atores Letícia Colin e Caio Castro. Apesar de ter grande destaque na história, Dona Leopoldina e D. Pedro não são os protagonistas da novela. Esse papel foi dado aos personagens ficcionais: Anna, a professora de português de Leopoldina interpretada por Isabelle Drummond, e Joaquim, ator de comédia dell'arte interpretado por Chay Suede. Retratando eventos históricos desde a chegada da Princesa em 1817 no Rio de Janeiro, a trama perpassa pela volta de D. João VI para Portugal, o decreto do Dia do Fico, e se encerra em 1822 com a declaração da Independência do Brasil³.

A Leopoldina representada na telenovela é carregada de grande carisma, sendo uma princesa bela, sorridente, inteligente, interessada nos assuntos da política brasileira e que vê os casos extraconjugais de D. Pedro como um problema em sua vida por ser apaixonada por seu marido. A personagem possui características que contribuem para uma aproximação maior com os telespectadores, sendo retratada de uma maneira próxima da sociedade contemporânea: uma cativante, insubmissa em relação ao seu marido e que se destaca pelo seu papel nas decisões políticas do Brasil.

De acordo com a historiadora Mary Del Priore, a Imperatriz Leopoldina era conhecida por ser “um símbolo de beleza espiritual e não física” (2012, p. 16). Apesar disso, por ser possuidora de grande fertilidade, a Princesa ficou grávida sucessivas vezes. Segundo as regras

³ Novo Mundo. Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/novo-mundo/>. Acesso em: 15 jan. 2021

médicas e eclesiásticas, a abstinência sexual deveria se manter durante toda a gestação. Além disso, Leopoldina também não podia acompanhar o marido em suas viagens e cavalgadas, o que contribuía para mantê-la afastada de D. Pedro. Com o passar do tempo, a Princesa deixou de se preocupar com as aventuras extraconjugais de D. Pedro, assim como também a sua aparência. Jacques Arago, que muito a admirava, relatou uma vez que: “Sem exagero nenhum, ela estava vestida como uma cigana, até com chinelas” (DEL PRIORE, 2012, p. 121).

Em *Novo Mundo* é possível perceber a presença dessa fase melancólica de Leopoldina, no entanto, ela não se apresenta de forma tão extrema ao telespectador. Durante uma grande parte da trama, a personagem se apresenta com poucas joias e vestidos simples. Inclusive os figurinos são extremamente parecidos, apenas alterando pequenos detalhes e cores. A própria Leopoldina chega a citar em uma das cenas sobre o quanto se sentia gorda e de aparência desajustada. Mas pela atriz Letícia Colin não ter engordado durante a produção da novela, o público não percebeu tanta diferença em sua imagem quanto é referenciada na historiografia.

Outro aspecto importante explorado pela novela foi a participação política de Leopoldina no processo da Independência. A narrativa de *Novo Mundo* favoreceu a disseminação da imagem de Princesa como a responsável pela emancipação política do Brasil ao desenvolver uma cena na qual a personagem assina o decreto de 2 de setembro junto com o Conselho de Estado.

A inter-relação entre a televisão e o museu

Em 7 de março de 2017, jornalistas foram convidados aos Estúdios Globo, para participarem da divulgação do lançamento de *Novo Mundo*. A visita se iniciou na nau de 25 metros, a primeira embarcação construída em uma cidade cenográfica da Globo, onde presenciaram uma cena de invasão pirata preparada para o evento. Com quase 10 mil metros quadrados, sendo 3,5 mil metros quadrados de área construída, o espaço reproduzia a Praça XV, com seu chafariz, o Arco do Teles e o Paço Imperial. Após assistirem a encenação, os visitantes prosseguiram para uma exposição de figurinos realizada dentro de um dos estúdios. Nesse mesmo dia, os Estúdios Globo também receberam um grupo de alunos do Ensino Médio do Colégio Pedro II de Niterói para uma aula com o historiador responsável pela consultoria da novela, Francisco Vieira, e o cenógrafo, Paulo Renato.

No entanto, um mês antes desse lançamento, no dia 13 de fevereiro de 2017, um grupo de jornalistas e historiadores já haviam sido convidados para participar de um evento dentro da exposição "Leopoldina, Princesa da Independência, das Artes e das Ciências"⁴, que estava acontecendo no Museu de Arte do Rio (MAR). A visita teve como objetivo apresentar um pouco da história contada em *Novo Mundo*, que tinha a sua estreia agendada para o dia 22 de março.

Segundo o site de imprensa da Rede Globo⁵, logo na chegada do evento os convidados foram recepcionados pelos autores Thereza Falcão e Alessandro Marson; pelo diretor artístico da novela, Vinicius Coimbra; e pelo consultor e historiador que acompanhou o trabalho da produção, Francisco Vieira. O grupo de convidados foi conduzido pela consultora do museu e historiadora Nataraj Trinta ao longo da exposição que celebrou os 200 anos da vinda da Princesa Leopoldina para o Brasil. Ao chegarem no final do percurso, todos foram surpreendidos pela atriz Letícia Colin completamente caracterizada como a Leopoldina de *Novo Mundo*. A personagem não apenas emocionou a todos ao dar as boas-vindas com seu sotaque alemão, como também leu um trecho de uma das cartas que escreveu para o seu pai relatando a primeira impressão que teve ao chegar no Brasil.

Conforme a figura 1 apresenta, a personagem posou ao lado do quadro de Armand Pallière – que estava em exposição e foi utilizado como referência para a construção do figurino da cena de coroação de D. Pedro –, e leu as cartas que a Imperatriz enviou para o seu pai enquanto esteve no Brasil. Nessas cartas, Leopoldina diz o quanto se sentia admirada pelo “novo mundo” que encontrou no Brasil e que *se considerava praticamente uma brasileira*.

A atriz não estava lá apenas para aparecer nas fotografias, como uma alegoria que faz referência à novela. Letícia Colin trouxe a personagem para fora das telas ao dialogar com os documentos históricos da exposição, atuando com os trejeitos e o sotaque da princesa como se estivesse gravando uma cena da novela. Após esse momento, a atriz ressaltou a importância histórica de Leopoldina na Independência do Brasil e agradeceu aos autores e ao diretor por darem a oportunidade de trazer para as telas essa versão da história da personagem até então desconhecida pelos telespectadores brasileiros. Em seguida, a atriz e os convidados se

⁴ Exposição Leopoldina, Princesa da Independência, das Artes e das Ciências. Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, 07/2016 a 03/2017. Disponível em: <http://museudeartedorio.org.br/programacao/leopoldina-princesa-da-independencia-das-artes-e-das-ciencias/>

⁵ Disponível em: Trama de Novo Mundo é apresentada em exposição sobre Leopoldina - Globo Imprensa - Globo Imprensa. Acesso em: 10 Abr. 2023.

dirigiram ao auditório do museu para uma conversa sobre a novela enquanto algumas fotografias da produção eram exibidas no telão para o público.

Segundo Alessandro Marson, os autores buscaram abordar a formação do povo brasileiro, pensando:

Como a gente vê esse país de hoje. De onde ele veio? Como foi? As pessoas que vieram de fora: o que elas queriam de bom ou de ruim? Além disso, as pessoas vão se emocionar com esse amor de Anna e Joaquim, e com a dedicação e frustração de Leopoldina⁶.

Essa ideia da Princesa do Brasil que ama o Brasil e dedicou a sua vida a buscar trazer melhores condições para o povo brasileiro é retratada tanto na novela quanto na exposição do MAR.

Em seu texto de divulgação sobre a exposição, o Museu de Arte do Rio buscou apresentar ao público “a vida de uma das personalidades mais importantes no processo de emancipação do Brasil às vésperas da efeméride dos 200 anos de sua chegada ao Rio, em 5 de novembro de 1817”⁷. Com curadoria assinada por Luis Carlos Antonelli, Paulo Herkenhoff e Solange Godoy, e curadoria adjunta de Pieter Tjabbes, a mostra “Leopoldina, princesa da Independência, das artes e das ciências” constituída por aproximadamente 350 peças – entre obras de arte, iconografia, documentos, vestuário, mobiliário, itens de botânica, zoologia e mineralogia – ficou exposta de Julho de 2016 até Março de 2017, ocupando pela primeira vez o pavilhão do terceiro andar do MAR integralmente.

O espaço foi construído a partir de uma cronologia que abordou a narrativa dos principais fatos da vida da Princesa do Brasil, desde seu nascimento em 1797 até sua morte em 1826. Conforme relatado pelo Museu, o grande destaque da exposição foi “a coleção de documentos, recém-adquiridos pelo museu, sobre o Congresso de Viena que, realizado em 1815, reorganizou os poderes do continente, então fragmentado por guerras e revoluções”⁸.

⁶ Comunicação Globo. Trama de Novo Mundo é apresentada em exposição sobre Leopoldina, 13 Feb 2017. Disponível em: <https://imprensa.globo.com/programas/novo-mundo/textos/trama-de-novo-mundo-e-apresentada-em-exposicao-sobre-leopoldina/>. Acesso em 10 Abr. 2023.

⁷ Disponível em: Leopoldina, princesa da Independência, das artes e das ciências - Museu de Arte do Rio – MAR. Acesso em 10 Abr. 2023.

⁸ Leopoldina, princesa da Independência, das artes e das ciências. Revista Museu. Disponível em: Leopoldina, princesa da Independência, das artes e das ciências (revistamuseu.com.br). Acesso em 10 Abr. 2023.

A mostra também trouxe informações que auxiliavam o visitante a compreender porque o casamento de Leopoldina foi estabelecido à distância, por procuração, e que essa era uma estratégia habitualmente utilizada para expandir as relações diplomáticas entre os países dos noivos, nesse caso entre Portugal e Áustria.

A curadoria das peças trouxeram informações sobre como a chegada da Princesa incentivou a abertura de portas para as relações comerciais no Brasil e quanto cercou ainda mais a Corte com influências sociais e culturais advindas da Europa. Os móveis da época – que possivelmente poderiam ter sido usados no Palácio de São Cristóvão – e as peças de louças com as iniciais grafadas de D. Pedro I e Leopoldina, que faziam parte do enxoval do casal, são exemplos dessas influências que fizeram parte da Cultura Material do período Imperial.

Na Figura 1 temos um exemplo de como o posicionamento dos móveis entre duas paredes verdes que se prolonga até o fundo do salão oferece ao público uma sensação de estar presente em uma sala de lazer do século passado. Analisando dessa perspectiva, o cenário construído na exposição museológica se aproxima bastante dos bastidores de uma novela de época, principalmente pelas paredes de cor de rosa marcarem a temática de um outro espaço. Assim, basta o público se movimentar pelo espaço que ele pode experimentar a sensação de adentrar em uma sala de lazer do século XIX ou retornar para a exposição com pinturas e cartas, que revelavam a solidão da Princesa durante a sua vida no Brasil.

Figura 1 - Exposição de Leopoldina no MAR



Fonte: Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/educacao/vida-de-calouro/aproveite-as-ferias-para-aumentar-conhecimento-20688671.html>. Acesso em: 24 Abr. 2023

Além das cartas, pinturas, mobílias e porcelanas, a exposição também trouxe um vestido no estilo imperial para que o público pudesse ver de perto como era a moda do período. Analisando as Figuras 2 e 3, é nítido que o modelo se parece com o vestido presente na exposição permanente do Museu Histórico Nacional. Provavelmente, um pode ser a réplica do outro. As diferenças entre eles se apresentam na aparência do tipo do tecido e nos padrões dos desenhos dos bordados com fios de prata. Comparando o vestido, que aos olhos do público seria referente à Leopoldina, com o que está no MHN, percebe-se que os desenhos das folhas presentes nas bordas são diferentes, além de não existir o bordado acompanhando a marcação da cintura da peça. Segundo Camila Borges, esse uso de bordados de ouro e prata era algo predominante no traje desde o final do século XVIII (2010, p. 44).

Outro aspecto interessante é a simplicidade da vestimenta, que talvez para o telespectador de *Novo Mundo* possa apresentar uma visualidade um pouco distante da que ele está acostumado, uma vez que os figurinos das novelas de época costumam ser mais glamourizados. Nesse caso, o objeto histórico é idealizado para ser mais atraente na tela da TV.

Figura 2 - Vestido da exposição do MAR



Fonte: Vestido Imperial. Exposição MAR. Disponível em: <http://www.michellangelo.com.br/evento/leopoldina-princesa-da-independencia-das-artes-e-das-ciencias/>. Acesso em: 24 Abr. 2023

Figura 3 - Vestido da exposição do MHN



Fonte: Vestido do século XIX. Acervo Museu Histórico Nacional. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/OgVRTFHIC771Iw>. Acesso em: 24 Abr. 2023

Ao analisar os objetos que integraram a exposição, podemos perceber que a curadoria do MAR trouxe uma abordagem geral sobre a narrativa da Princesa, apresentando-a como parte da história do país não apenas por ter tido um papel importante na política brasileira, mas também por ter aberto as portas para influências culturais e pelo seu incentivo à produção de Arte e Ciência no Brasil. Já a telenovela centrou a sua trama mais na influência política que Leopoldina exerceu nas decisões sobre o Brasil. Contudo, ambas as abordagens se apresentam de forma paralela, como se a novela fosse um meio que dá continuidade ao que começou a ser dito no museu. A partir desse ponto de vista, podemos dizer que o evento no MAR não se resumiu a apenas uma simples divulgação da novela, ao tornar-se um processo de remediação que insiste na presença real e eficaz da mídia em nossa cultura.

O traje como objeto-memória

O que mais importa no museu não é o foco no objeto, mas a presença do ser humano no espaço museal a fim de buscar interpretar a narrativa presente por trás dos vestígios do passado. Não basta ter inúmeros objetos posicionados em uma grande sala. É necessário que se tenha uma construção de narrativa que traga direcionamentos para o olhar e o caminhar pelos corredores do museu. Uma das intenções curatoriais atuais é a de estimular a identificação das pessoas com histórias universais e/ou particulares por meio da mediação de objetos, como a indumentária, que auxiliam na composição da narrativa histórica e biográfica apresentada (Andrade. 2015, p. 83). Algo semelhante costuma acontecer nas novelas, mas nesse caso a identificação costuma ser maior com as personagens. Isso se torna evidente quando analisamos as novelas contemporâneas como lançadoras de tendências da moda. Existe uma busca pelo consumo de peças produzidas para vestir determinadas personagens que acabam gerando uma identificação com o gosto do telespectador.

Apesar das novelas de época não possuírem essa mesma dinâmica na cultura de consumo, os trajes históricos também costumam adentrar no gosto popular, menos pela questão da identificação e mais por remeter a um tempo histórico diferente do telespectador. De acordo com Luciana Andrzejewski, tal figurino rompe com a “mesmidade” em que vivemos e cria uma memória afetiva com o público⁹. No entanto, mesmo funcionando tal qual um espelho dos modos de vida, da cultura e da estética de uma época, esses trajes não são

⁹ Ver ANDRZEJEWSKI, Luciana. *O papel da memória no figurino afetivo*. Disponível em: <http://mimo.org.br/biblioteca/o-papel-da-memoria-no-figurino-afetivo/>. Acesso em: 30 Ago. 2019

completamente verossímeis com a realidade. Segundo a figurinista Emilia Duncan, “a linguagem da televisão pede coisas que não necessariamente são a realidade. A ficção vem sempre em primeiro plano” (GLOBO, 2007, p. 186). Muitas vezes, um decote mais contemporâneo ou um corte de outra época podem se tornar cruciais na exteriorização da personalidade de uma personagem. Com essa atualização e glamourização estabelecida pelos figurinistas (Wajnman; Rodrigues, 2014, p. 239), as roupas não teriam tanta liberdade artística para compor a caracterização das personagens. Logo, deve haver uma determinada cautela por parte dos historiadores ao cruzarmos o conteúdo ficcional elaborado para uma novela com a chamada veracidade histórica, já que a lógica da TV, enquanto comunicadora de massa, determina como mais importante se comunicar com o telespectador do que representar fielmente a indumentária presente nas fontes históricas.

Outro evento que buscou trazer uma inter-relação entre a narrativa televisiva e o espaço museológico, foi a exposição “Novo Mundo: a arte de vestir no século XIX”, apresentada na CASACOR Minas 2017¹⁰, uma mostra de arquitetura, *design* de interiores e paisagismo que traz um olhar contemporâneo para diversos espaços. Situada em uma das salas de um casarão que faz parte do Conjunto Arquitetônico Praça da Estação de Belo Horizonte, a exposição trouxe alguns figurinos de *Novo Mundo* enquanto a novela ainda estava no ar, feito que até então não tinha sido produzido pela Rede Globo, uma vez as exposições dos trajes de cena costumam ocorrer apenas após o fim da exibição da novela na TV¹¹. Por ter acontecido durante as últimas semanas da exibição da novela, a exposição teve um duplo papel: divulgar a produção audiovisual da Rede Globo a fim de gerar maior audiência, e apresentar o cuidado com a produção artística e a veracidade histórica presente no trabalho da figurinista Marie Salles.

Ao analisar a Figura 4, podemos perceber que apesar de não estar situada dentro de um museu, a exposição possuía uma narrativa museográfica e museológica que dialogava com a arquitetura e a decoração do local, contribuindo, assim, para a construção de um espaço que estivesse em harmonia visual com os hábitos e modos de vestir do Rio de Janeiro

¹⁰ ANDRADE, Luciana. CASACOR Minas 2017: inovação e preservação em 41 ambientes, 5 Set 2017. Disponível em: <https://casacor.abril.com.br/ambientes/casacor-minas-2017-inovacao-e-preservacao-em-41-ambientes/>

¹¹ Novo Mundo: a arte de vestir no século XIX, 17 Ago 2017. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/globominas/noticia/novo-mundo-a-arte-de-vestir-no-seculo-xix.ghtml>. Acesso em: 9 abr. 2023

oitocentista. A decoração da sala, idealizada por João Lucas Pontes e Luís Gustavo Vieira, privilegiou o uso de papel de parede, lustres preciosos e mobiliário clássico que conversassem com o chão de madeira e o teto sem forração. A proposta decorativa buscou dialogar com o período histórico da novela ao oferecer um conceito de contraste entre o luxo e a simplicidade, simbolizando o choque cultural entre Brasil e Europa no século XIX¹². Esse embate social, econômico e cultural vai estar presente não apenas na exposição, mas também nos figurinos de todo elenco da novela, de modo geral.

A elegância da alta nobreza austríaca, da qual vem Leopoldina, com seus veludos e babados, contrasta com o figurino da família Real portuguesa no Brasil. Embora mantenha a pompa, os figurinos da realeza nos trópicos são mais desbotados e leves, com roupas um pouco envelhecidas. Mesmo Dom Pedro alterna vestimentas reais com trajes simples, em algodão. Afinal, é preciso ter em mente que o clima era quente, e a água era suja; roupas não eram lavadas com frequência. Isso também dá o tom dos personagens mais pobres, como o núcleo da Estalagem dos Portos, com suas roupas encardidas e maltrapilhas¹³.

Figura 4 - Exposição de figurinos na CASACOR Minas 2017



Fonte: Novo Mundo: a arte de vestir no século XIX. 17 de out 2017. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/globominas/noticia/novo-mundo-a-arte-de-vestir-no-seculo-xix.ghtml>. Acesso em: 20 jan de 2021. Foto: Bruno Soares

¹² CASACOR, Novo Mundo – A Arte de Vestir no Século XIX – João Lucas Pontes e Luis Gustavo Vieira. Disponível em: <https://casacor.abril.com.br/wp-content/uploads/sites/7/2017/08/novo-mundo-e28093-a-arte-de-vestir-no-secc81culo-xix-e28093-joacc83o-lucas-pontes-e-luis-gustavo-vieira-casacor-minas-gerais-2017.jpeg?quality=90&strip=info&w=919>. Acesso em: 9 abr. 2023

¹³ GLOBO, Memória. Bastidores, 28 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/novo-mundo/noticia/bastidores.ghtml>. Acesso em: 9

Outro fator interessante é o posicionamento de destaque ao traje de Leopoldina. Centralizado entre os demais figurinos e direcionado para a entrada do local, o vestido rouba o protagonismo assim como a personagem o fez na novela. Durante a trama, ele teve como função não apenas vestir a personagem em seu casamento, mas também se constituir como parte expressiva da sua identidade e personalidade. Na exposição, esse mesmo traje desempenha outro papel, possuindo o poder de se sobressair para além da ação de vestir um corpo. Aqui, o objeto-figurino se torna um objeto-memória. Ele carrega consigo diversos tipos de memória, sendo estas: a memória histórico-cultural, que busca representar pela sua estética visual; a memória referente à identidade e subjetividade criada para a sua personagem; a memória de uso deixada pela estrutura do corpo e movimentação da atriz; e a memória institucional que o vincula a uma produção da Rede Globo.

Ao considerar o figurino dentro do conceito da indumentária enquanto um patrimônio cultural que rememora aspectos da sociedade na qual estava inserida, transitando entre a especificidade da memória individual de seu dono e a memória social mais ampla (SILVA, p. 304), podemos dizer que o traje de cena se refere tanto aos aspectos históricos do contexto a qual está reproduzindo como também remete à memória individual dos personagens que o vestem. Mesmo depois de utilizados em cena, os figurinos ainda continuam remetendo ao passado, possuindo, assim, uma dimensão que transcende a sua materialidade. O figurino seria, nos conceitos de Peter Stallybrass, um tipo de memória que envolve a experiência do vestir, carregando consigo uma memória do “vestido” (CONRADO; PEREIRA; RODRIGUES, 2011, p.197).

Assim, a exposição não se abre apenas como uma possibilidade de maior interação com o público, ela também apresenta o trabalho artístico presente na composição dos figurinos e revela os procedimentos de salvaguarda dos acervos da Rede Globo. Enquanto algumas peças do acervo de figurinos possuem a concepção de efemeridade da moda¹⁴, desenvolvida por Gilles Lipovetsky, outras fazem parte da memória coletiva e institucional da Rede Globo a partir da aplicação de procedimentos de salvaguarda (conservação e documentação) e de comunicação (exposição e ação educativo-cultural) que vão dialogar com a sociedade (CÂNDIDO, 2014, p. 59).

¹⁴ Ver LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*.

Mesmo depois de utilizados em cena, os figurinos ainda continuam remetendo ao passado, possuindo, assim, uma dimensão que transcende a sua materialidade. Mais do que sustentar a história dos personagens que o vestiu, o figurino carrega a historicidade da sua produção. Ele remete tanto ao fazer artístico quanto à pesquisa histórica da figurinista. Logo, a relação que o figurino mantém com o seu passado e a maneira pela qual se apropria dele vai ser determinante na construção do seu presente, sobretudo quando as peças sofrem reconstruções e ressignificações ao serem utilizadas em outras novelas.

Nesse sentido, pensando em uma composição de memória cultural e histórica para além das telas, a proposta das exposições é essencial para se pensar como a figurinista, indiretamente, acaba educando o olhar do espectador ao sobrepôr o presente e o passado em seus figurinos, uma vez que, o figurino como um processo de comunicação humana, revela o olhar refinado e o domínio da figurinista sobre a pesquisa histórica (FILYPECK, 2016, p. 107).

Tais características inerentes ao figurino e sua produção, também contribuem para a sua utilização em espaços educacionais. A exposição “Mulheres Reais – Modas e Modos no Rio de Dom João VI”, por exemplo, recriou as modas e os modos das mulheres da realeza através dos figurinos de D. Maria I, Carlota Joaquina e D. Leopoldina, permitindo a aproximação do público com tais personagens de forma diversa das descrições estereotipadas e caricaturais usuais. A mostra foi idealizada a partir de trajes e acessórios autênticos do Museu Nacional do Traje de Lisboa, do Museo del Traje de Madrid e do Wien Museum – Mode Depot de Viena para pensar a indumentária e seus usos, como uma importante manifestação cultural e social do Rio de Janeiro como capital do império português¹⁵. No entanto, pela falta de trajes que abordassem as mulheres da realeza brasileira, foram criados figurinos para serem expostos junto com pinturas de época. Dessa forma, levando em consideração esse exemplo, podemos apontar os figurinos de *Novo Mundo*, sobretudo os que foram criados para Leopoldina e D. Pedro usarem em eventos históricos, como uma possibilidade educacional que poderia até mesmo ser exibida em exposições de museus.

Além da exposição na CASACOR Minas 2017, outro espaço arquitetônico dedicado a interagir com o público por meio da temática das artes e da moda, e que abriu um diálogo com *Novo Mundo*, foi A Casa da Marquesa de Santos. Também nomeado Museu da Moda Brasileira, o palacete que já foi a residência de Domitila de Castro, entre 1827 e 1829, atualmente se encontra fechado ao público pela falta de manutenção e sustentabilidade do

¹⁵ Disponível em: <https://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/mulheres-reais-modas-dom-joao-vi/>. Acesso em: 24 Abr. 2023

local. Contudo, a instituição permanece disponível para realizar ações de cessão do espaço, cessão de imagem, cessão de uso do acervo para eventos, publicações, exposições e outras parcerias. Em uma publicação feita em sua página do Facebook¹⁶, a Casa da Marquesa de Santos utiliza a visibilidade que a novela estava tendo naquele momento para divulgar o seu acervo e a possibilidade de execução dessas atividades.

O prédio histórico do Palacete do Caminho Novo, que serviu de local para o ensaio fotográfico de Agatha Moreira, atriz que interpretou a Marquesa de Santos em *Novo Mundo*, é considerado como um dos principais atrativos do museu, sendo inclusive tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1938. A partir de parcerias como essa, a instituição busca trazer visibilidade para que a Casa consiga finalizar as suas obras de restauração e se tornar “o primeiro museu brasileiro dedicado ao universo do feminino, dos costumes e da moda no Brasil, com exposições de longa duração, temporárias e itinerantes, além de oferecer condições para receber mostras internacionais”¹⁷. Atualmente, o Museu é uma unidade da Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ), do Governo do Estado do Rio de Janeiro, e possui um acervo com cerca de 3.500 itens, que reúnem desde coleções de vestuário, acessórios, pinturas, gravuras e fotografias, até numismáticas e outros objetos decorativos do período imperial brasileiro.

Enquanto na exposição “Leopoldina, Princesa da Independência, das Artes e das Ciências”, a Globo utilizou o espaço do MAR para dialogar com o acervo museológico e promover a estreia da novela, a Casa da Marquesa estabeleceu o mesmo diálogo mas de forma contrária. A reportagem apresentada no Jornal Extra utilizou a imagem da atriz de *Novo Mundo* para vincular a personagem de Domitila de Castro da novela com a conhecida Casa da Marquesa de Santos, local que Dom Pedro I deu de presente para a sua amada amante. Nesse caso, o museu utilizou a visibilidade da ficção televisiva para dialogar com o público da cultura midiática em uma plataforma de rede social, o Facebook. A partir desse espaço, o museu não estabelece apenas relações com TV, atraindo mais compartilhamentos e seguidores

¹⁶ SANTOS, Casa da Marquesa. Casa da Marquesa de Santos, ontem na capa da Canal Extra com Agatha Moreira [...]. Rio de Janeiro, 01 mai. 2017. Facebook: Casa da Marquesa de Santos - Museu da Moda Brasileira. Disponível em: [https://web.facebook.com/museudamoda/posts/1388206391218481?__cft__\[0\]=AZUdovFphoXrJ33bS-3eBB1BGUvCY94poa0E0g6J0gZeSZ8014tEwj8jdN330zV_w6VOdAxOPjMpK6n7kqo8jCYMOW7Bpxiw8O3fEx-RMhXbDWIAQIbFbYPPwUXjvwo2uoA&__tn__=%2CO%2CP-R](https://web.facebook.com/museudamoda/posts/1388206391218481?__cft__[0]=AZUdovFphoXrJ33bS-3eBB1BGUvCY94poa0E0g6J0gZeSZ8014tEwj8jdN330zV_w6VOdAxOPjMpK6n7kqo8jCYMOW7Bpxiw8O3fEx-RMhXbDWIAQIbFbYPPwUXjvwo2uoA&__tn__=%2CO%2CP-R). Acesso em 20 Abr. 2023

¹⁷ Disponível em: https://web.facebook.com/museudamoda/about_details. Acesso em: 20 abr. 2023

em sua página, ele também consegue divulgar o seu espaço físico e atrair novos públicos interessados em seu patrimônio histórico.

Mídia e Cultura: a novela de época como meio de difusão do conhecimento histórico

Segundo o filósofo Vilém Flusser, o prefixo “tele-” significa “a ação de trazer algo que está longe para perto” (2014, p. 321). A televisão, assim como o telégrafo, o telescópio e o telefone surgiram como uma resposta tecnológica a novas necessidades políticas, econômicas e sociais. A industrialização e a modernização criaram novos desafios e demandas “por ordem, controle e comunicação” (Williams, 2016, p. 14). Contudo, de acordo com Raymond Williams, a televisão não nos oferece apenas uma forma tecnológica de enquadramento da realidade, ela também se transformou em uma forma de expressão cultural (2016, p. 15). A cultura, entendida como “um conjunto muito complexo e diversificado de representações e objetos” (Caune, 2014, p.39), possui elementos constitutivos com características próximas dos fenômenos de comunicação, uma vez que as transmissões de conhecimentos culturais são disseminados a partir dos atos de comunicação humana ou digital. Assim, a televisão se tornou uma experiência comunicativa e cultural nos processos de “des-construção” e “re-construção” das identidades coletivas”, onde ainda travamos a batalha cultural do nosso tempo (Martín-Barbero; Rey, 2001, p. 10).

Desta forma, segundo Jesus Martín-Barbero e Germán Rey, a televisão ocupa um lugar estratégico nas dinâmicas da cultura cotidiana das majorias pelo seu modo de construir imaginários e identidades. Ela se constitui como um dispositivo capaz de determinar os gostos populares a partir de mediações históricas de narrativas ficcionais. Logo, a TV possibilita conquistar a hibridização de “certas formas de enunciação, de certos saberes narrativos, de certos gêneros novelescos e dramáticos do Ocidente com as matrizes culturais dos nossos países” (2001, p. 26).

A midiatização enquanto processo comunicacional da sociedade, tem como um de seus diferenciais a transição do papel do receptor passivo para o participante ativo. Na narrativa de uma novela, o que mais importa é o desenvolvimento da personagem em prol da espetatorialidade do seu público. Por ter uma narrativa capitular, a novela vai sendo produzida enquanto é exibida. Muitas vezes o rumo da narrativa se altera conforme o desejo do público. No caso de *Novo Mundo*, a dramaturgia buscou atender os desejos dos telespectadores ao transformar Leopoldina em uma personagem de destaque. Durante a

reprise da novela no período da pandemia de Covid-19, um telespectador enfatiza em seu post que Leopoldina é o grande destaque da trama por ter sido “uma personagem fascinante e uma das mulheres mais importantes para a nossa história”¹⁸.

Nas Figuras 5, um dos telespectadores vai um pouco além ao ofertar elogios à caracterização e ao figurino da personagem. Kathleen chega a utilizar imagens da personagem para ilustrar como Leopoldina é apresentada como uma “jovem sonhadora” e com o desenvolvimento da novela, se torna uma “mulher infeliz e conformada”. Já em um outro post do X, outro telespectador elogia o figurino de Leopoldina e traz um paralelo entre a ficção e a realidade, se deixando levar pela imersão da tela ao comentar que gostaria de ir para o “velho mundo” para conseguir ajudar a trazer novas perspectivas para o período histórico atual¹⁹.

Figura 5 – Post no X sobre a caracterização de Letícia Colin como Leopoldina



Fonte: Disponível em: <https://twitter.com/skathwas75/status/1439040935166365699?s=20>. Acesso em: 23 Abr. 2023

¹⁸ Disponível em: <https://twitter.com/feelsrios/status/1239712836521254917?s=20>. Acesso em: 23 Abr. 2023

¹⁹ Disponível em: <https://twitter.com/matheustomaso/status/844681591406374912?s=20>. Acesso em: 23 Abr. 2023

Outros apontamentos sobre os figurinos da novela foram feitos nos comentários de um post do Instagram do Grupo de Pesquisa em História e Cultura de Moda, da Universidade Federal de Juiz de Fora, coordenado pela professora do Instituto de Artes e Design, Maria Claudia Bonadio. O post em questão teve grande repercussão na época em que foi feita a postagem, chegando a atingir a marca de ser o conteúdo sobre História da Moda mais curtido na página, atingindo 491 curtidas dos usuários da rede social.

O primeiro comentário em destaque aponta que assistiu as duas vezes que a novela foi ao ar e que apesar dos figurinos chamarem a sua atenção, não sabia que havia tanta veracidade em sua produção. Já o segundo, cita o livro *História da Moda e Moda na História* e compara a análise feita no capítulo com o figurino da coroação de D. Pedro I.

Figura 6 - Comentários no post do Instagram da História da Moda - UFJF



Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/p/CGs1eF4hRu/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 23 Abr. 2023

Já o perfil “HistoriAtípica” trouxe uma análise comparativa entre o figurino de Leopoldina e de Teresa Cristina, esposa de D. Pedro II em *Nos Tempos do Imperador*. A

imagem escolhida fazia referência a tiara usada pela personagem como sendo a mesma que foi feita para a personagem de Leticia Colin, com a alteração da pedra que nesse caso é azul²⁰. Desta forma, podemos perceber que boa parte do público leigo que assiste a novela não saberia identificar o significado de todos os detalhes presentes no figurino da Leopoldina, mas ainda assim existe um esforço por parte de uma parcela do público que se dedica a apontar as referências históricas.

O figurino, como um dos elementos fundamentais da representação histórica, contribui para a incorporação do imaginário individual e até mesmo o arcabouço intelectual do telespectador, constituindo-se como parte da memória cultural do espectador. Ele vai ser determinante para dar uma maior autenticidade para a personagem, transformando-a em um referencial no seu imaginário. De acordo com Rogério de Almeida, “o imaginário [...] possui caráter educativo, faz circular narrativas, símbolos e discursos por diversos setores do tecido social, encontrando nas manifestações culturais e estéticas o espaço privilegiado para se manifestar” (Almeida, 2017, p. 151). Boa parte desses discursos vão estar presentes no que Leticia Capanema chama de “tempos inativos”, os quais seriam os intervalos entre os capítulos da novela. Apesar desse tempo interromper o fluxo da narrativa, o universo narrativo vai continuar presente no imaginário do público e sendo disseminado pelas conversas pessoais; assim como pelas especulações em revistas, jornais, e na internet.

Ao estabelecer um entrelaçamento entre a novela (enquanto mídia cultural) e os figurinos (como parte da memória cultural do período Imperial), formulou-se, em torno da personagem de D. Leopoldina, imagens do passado que circulam na cultura da memória. Tais imagens seriam construções da mídia, não podendo, assim, ser analisadas como algo extrínsecos a ela. Logo, em concordância com Astrid Erll, reforçamos que isso não as torna falsificadas ou irreais. A medialidade representa, em vez disso, a própria condição para o surgimento da memória cultural (ERLL, 2011, p. 114). Logo, podemos concluir que a telenovela de época como mídia seria um meio de memória.

Uma demanda muito presente no público das mídias digitais é a busca pelo atendimento de suas expectativas a partir do que Henry Jenkins denomina como cultura participativa. Tal conceito se refere à uma nova dinâmica presente na contemporaneidade, onde o telespectador consegue se expressar e interferir na mudança do enredo ao anunciar o

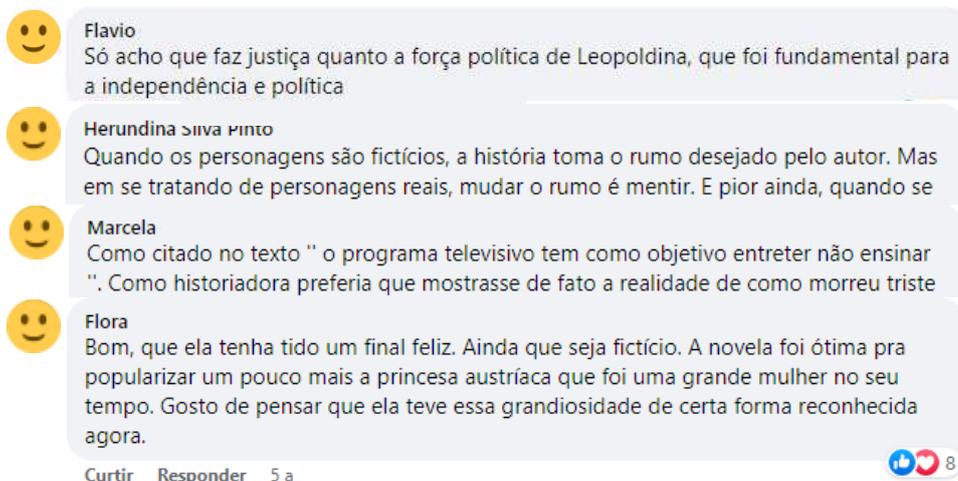
²⁰ Disponível em: <https://twitter.com/skathwas75/status/1439040935166365699?s=20>. Acesso em: 23 Abr. 2023

que tem conquistado mais a sua atenção. Assim, a televisão deixou de ser um meio de alienação em que o seu público apenas assiste e é comandado pela programação. Agora, é ele quem determina não apenas a audiência, mas o que e como ele deseja que o conteúdo permaneça em sua tela. Um exemplo claro dessa atuação participativa aconteceu no perfil do X que compartilha informações sobre os programas de entretenimento da Globo, o GShow. O post em questão trazia uma imagem dos personagens de D. Leopoldina e D. Pedro I abraçados na cama, remetendo ao desejo de televisionar um final feliz para o casal, acompanhada da seguinte legenda: “Foi a gente que pediu SIIIIIM!” Autores de ‘Novo Mundo’ contam como será final de Pedro e Leopoldina”²¹. O pedido dos telespectadores se deu devido ao enorme carisma da personagem da Princesa com o público, que ao se identificar com suas dores e fragilidades femininas, não gostaria de assistir ao final trágico que a verdadeira Leopoldina teve ao ser deixada pelo marido para viver com sua amante, a conhecida Marquesa de Santos.

No Facebook, a historiadora Mary del Priore compartilhou um artigo escrito por ela, onde se referia a essa mudança no final da novela devido ao fato do público ter se apaixonado pela Imperatriz e não querer assistir o final trágico e triste da personagem. Tal publicação rendeu alguns comentários onde se iniciou um debate em que se dividia entre aqueles que prezam pela representação fidedigna da história para que a população aprenda um pouco mais sobre a História do Brasil. Enquanto outros achavam justo que ao menos na ficção, Leopoldina pudesse ter um pouco de felicidade em sua história, já que ela foi uma personagem extremamente relevante para a Independência do nosso país.

²¹ Fonte: Disponível em: <https://twitter.com/gshow/status/910571782423244801?s=20>. Acesso em: 22 Abr. 2023

Figura 7 – Comentários na publicação de Mary del Priore no Facebook



Fonte: DEL PRIORE, Mary. A novela “Novo Mundo” está em seus últimos capítulos [...]. Rio de Janeiro, 07 set. 2017²².

De acordo com Jason Mittell, o carisma do personagem é um fator chave para provocar o fascínio do espectador. Ao analisar o caso de Walter White, de *Breaking Bad*, Mittell (2014) apontou que os fãs acabam se apaixonando por ele como personagem e não como pessoa. Ao direcionar tal perspectiva para Leopoldina, podemos perceber uma certa dialética na relação da personagem com o seu espectador. Por ser uma personagem que de fato existiu na História do Brasil, os fãs de Leopoldina acabam gostando dela tanto como personagem histórica quanto como pessoa. O movimento dialético acontece ao analisar a forma como a personagem é apresentada para o telespectador. A Leopoldina da novela é romantizada, formulada para ser uma heroína mesmo com suas inseguranças pessoais. Já a Leopoldina construída pelo discurso histórico é abordada de forma mais submissa, invisibilizada pela narrativa favorável à D. Pedro I. Logo, não faria sentido para o telespectador deixar que a personagem morresse de tristeza, ao final da trama, por D. Pedro ter escolhido viver com sua amante Domitila de Castro. O desenvolvimento da trama se deu de tal maneira que o final teve o apelo de boa parte do público para que a novela fugisse da

²² Facebook: Mary del Priore. Disponível em: [https://web.facebook.com/marydelpriore.ofc/posts/1545816895461983?__cft__\[0\]=AZWWgqLTxNeyel289imk hb2EPXDiIpRwvAU5IIawHJLuRKTfwPwLOxKumlCBIwK5XSx8_ihRQNZlg8ByFc-uptlFudII7NnyPIRvqOyyqMs6S7Pxs2N3H6QeP3Y5JjIHOL4&__tn__=%2CO%2CP-R](https://web.facebook.com/marydelpriore.ofc/posts/1545816895461983?__cft__[0]=AZWWgqLTxNeyel289imk hb2EPXDiIpRwvAU5IIawHJLuRKTfwPwLOxKumlCBIwK5XSx8_ihRQNZlg8ByFc-uptlFudII7NnyPIRvqOyyqMs6S7Pxs2N3H6QeP3Y5JjIHOL4&__tn__=%2CO%2CP-R). Acesso em: 20 Abr. 2023

tragicidade que a Imperatriz viveu durante os últimos anos de sua vida, até porque, as dramaturgias são idealizadas para ter um desfecho agradável para o seu público.

Alguns posts no X, exemplificam como *Novo Mundo* foi bem recebida pelo público por demonstrar características pessoais que a torna mais humana, de forma próxima a verossimilhança de como muitas mulheres se sentem por não conseguirem ser a companheira que idealizam para seus maridos. Ao abordar questões contemporâneas no relacionamento de Leopoldina e D. Pedro, a trama da novela possibilita que haja uma empatia entre o público e a Princesa, exaltando-a não apenas como personagem mas também enquanto mulher. Em um post, a telespectadora Erika diz como assistir Leopoldina se culpando por não saber a “arte da sedução”, a faz pensar em “quantas mulheres sofrem até hoje pensando que ter um relacionamento abusivo é culpa delas”²³.

Além da representação de Leopoldina e das escolhas narrativas da novela, os telespectadores também trazem como debate a questão da personagem histórica não ter a mesma relevância no ensino brasileiro. Algumas postagens trazem comentários sobre como a sua percepção sobre a Imperatriz mudou após assistir a novela por não saberem da sua relevância política no processo de independência. Isabella declara o quanto fica triste quando assiste *Novo Mundo*, por descobrir apenas na novela que “Leopoldina foi uma grande mulher, muito importante pro Brasil e a gente não aprende isso na escola”²⁴. Outro espectador relata que “o que deixa mais triste é que o ensino brasileiro ensina pros jovens a vangloriar Dom Pedro demais e ignoram o fato da Leopoldina ter tido muito mais relevância no processo de independência do Brasil e a tratam como uma simples esposa dele”²⁵. Já outro telespectador, chamado Rodrigo, se expressa com um sentimento de revolta ao exigir que “os livros de História sejam reescritos contemplando todo o mérito que a Imperatriz Leopoldina merece”. Ele ainda destaca que “é uma VERGONHA (grifo do autor) para o Ensino Brasileiro que a maioria da população só venha a ter entrado em contato com essa tão admirável pessoa por causa da novela”²⁶.

Por fim, a última imagem de *post* aqui analisada, traz um novo panorama sobre as relações de convergência entre a televisão e outros meios de mediação de conhecimento

²³ Disponível em: <https://twitter.com/ErikaLacerda/status/1296934865078804480?s=20>. Acesso em: 24 Abr. 2023

²⁴ Disponível em: <https://twitter.com/isabellagasparp/status/1295847167647719430?s=20>. Acesso em: 23 Abr. 2023

²⁵ Disponível em: <https://twitter.com/ykkkkker/status/1276271671893204997?s=20>. Acesso em: 23 Abr. 2023

²⁶ Disponível em: <https://twitter.com/spotlesswild/status/1299476267549560834?s=20>. Acesso em: 23 Abr. 2023

histórico. A postagem da Figura 8 expõe uma página do livro didático do 8º ano “Estudar história: das origens do homem à era digital”²⁷, na qual tem uma imagem de Caio Castro e Letícia Colin caracterizados como D. Pedro I e D. Leopoldina para ilustrar o capítulo sobre o Primeiro Reinado Brasileiro. O mais interessante é que esse capítulo, intitulado “Do Primeiro Reinado às Regências”, não possui pinturas históricas para se referenciar aos Imperadores do Brasil, se resumindo a apenas essa fotografia da novela.

Figura 8 - Tweet sobre *Novo Mundo* em livro didático



Fonte: Disponível em: <https://twitter.com/brayankaiquee2/status/1561714213290139648?s=20>. Acesso em: 22 Abr. 2023

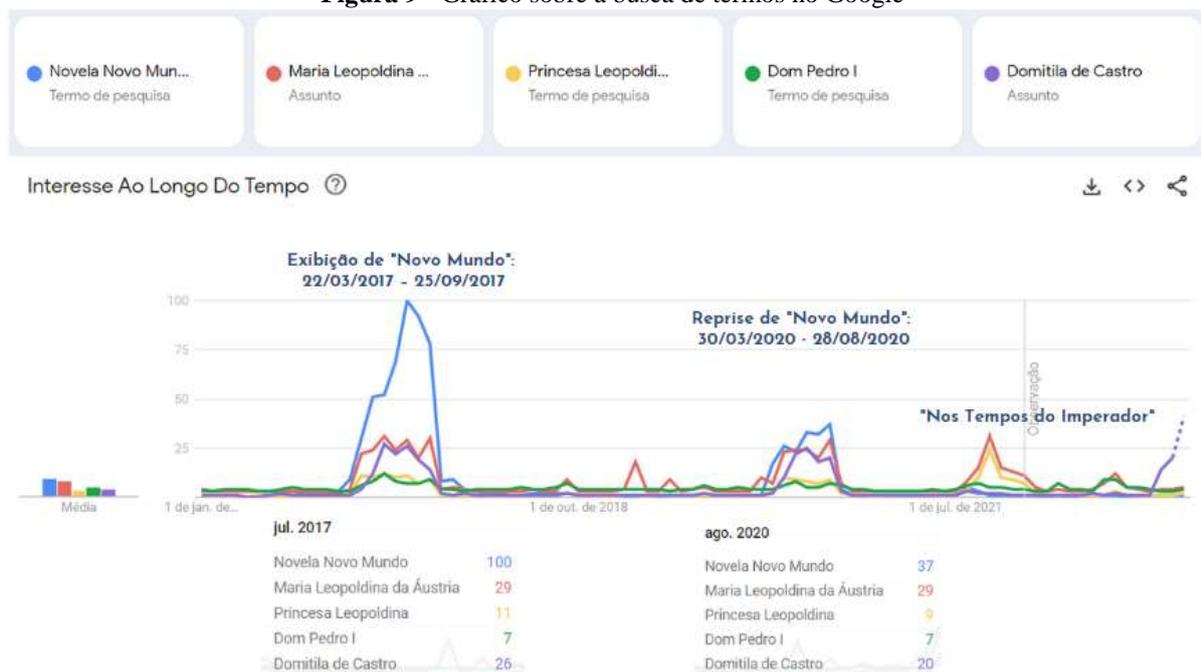
Nesse sentido, podemos dizer que a novela se torna um universo de informações paralelas àquelas que estão nos livros de História. Quando o telespectador senta para assistir

²⁷ Disponível em: <https://www.calameo.com/read/002899327bc174f8124fc?authid=3A6q8Jozlh4K>. Acesso em: 20 Abr. 2023

às cenas de *Novo Mundo*, ele é inserido em um enredo onde a Imperatriz que está sendo retratada ali é a que ele deveria conhecer. Logo, Leopoldina passa a ser vista como ela seria, ou deveria ter sido, como pessoa. Nesse caso, a personagem da Imperatriz do Brasil alimenta a idealização em torno dela como pessoa ao mesmo tempo em que ela como pessoa é a inspiração para a criação daquela personagem.

Analisando as buscas feitas na plataforma do Google durante as duas exibições de *Novo Mundo* e de *Nos Tempos do Imperador*, fica evidente que o personagem histórico de maior destaque, de fato, foi a princesa Leopoldina. Em ambas as exibições da novela o maior pico de buscas pelo termo “Maria Leopoldina da Áustria” atingiu 29 buscas, enquanto em *Nos Tempos do Imperador* também podemos ver uma grande busca mesmo a trama tendo apenas um capítulo em que Leopoldina aparece, durante a cena em que a personagem dá a luz ao seu filho D. Pedro II. Boa parte dessas buscas se deu devido às comparações feitas entre o sucesso da Imperatriz e a forma como D. Teresa Cristina estava sendo representada.

Figura 9 - Gráfico sobre a busca de termos no Google



Fonte: Produzido pela autora no Google Trends

Um exemplo de como esse novo olhar para a figura de Leopoldina tem sido apresentado na mídia atualmente, é a obra comemorativa que a Câmara dos Deputados fez para celebrar os 200 anos da vinda de D. Leopoldina para o Brasil:

É com enorme satisfação que temos a oportunidade de entregar ao público brasileiro, seja o de hoje, seja o das gerações futuras, essa pequena homenagem que a Quinquagésima Quinta Legislatura da Câmara dos Deputados presta àquela que, no momento de sua morte, foi aclamada, nas ruas da Cidade do Rio de Janeiro, como sendo o “Anjo Tutelar da Nação”, expressão que evocava uma devoção tipicamente lusitana, que, por sua vez, representava a invocação da angelical figura celeste às vésperas das batalhas.

Assim, quando o povo do Rio de Janeiro aclamou nossa Primeira Imperatriz como “Anjo Tutelar do Império”, tratava-se de um reconhecimento à sua atividade política e de uma homenagem à mãe e à soberana que, preocupada com o bem-estar de seus súditos, dignificara o trono como ninguém. Além disso, era um justo contraponto ao título que D. Pedro ostentava: “Defensor Perpétuo do Brasil”. Em suma, tratava-se de uma verdadeira “canonização civil” de D. Maria Leopoldina.

Se os seus contemporâneos souberam vislumbrar naquela arquiduquesa austríaca a heroína da Independência e da Consolidação da Nação, nós, seus herdeiros, e grandes beneficiários de suas lutas e sacrifícios, temos a obrigação de não deixar perecer sua memória²⁸.

A partir dessa homenagem, podemos perceber o quanto a construção midiática de Leopoldina mudou desde a exibição do filme *Independência ou Morte* (1972) e da minissérie *O Quinto dos Infernos* (2002), quando apresentou a princesa como um personagem menos cativante para o público. *Novo Mundo*, não apenas conseguiu representar a Princesa do Brasil de forma próxima da historiografia, mas também trouxe um carisma para a sua figura enquanto mulher que governou o país. Assim, a partir da televisão e de sua conexão com o museu e a internet, muitas pessoas puderam conhecer um pouco mais da História do Brasil e se aproximar de uma personagem histórica que até o começo da década de 2010 ainda estava muito distante da memória cultural dos brasileiros.

Conclusão

Desde a sua criação nos anos 1950, a telenovela brasileira vem ganhando reconhecimento público ao ponto de se tornar um sucesso em escala global. Essa conquista se deu, sobretudo, pelo uso da “linguagem comum” como ferramenta de proximidade com o cotidiano do seu público receptor. De forma geral, os roteiros conseguem construir um diálogo com todas as camadas da sociedade devido a verossimilhança dos seus enredos com a realidade dos brasileiros, principalmente após a revolução televisiva dos anos 1970. Desta forma, de maneira mais acessível do que os livros de História, a telenovela como cultura de massa possui um potencial maior de comunicação. A visualidade e os diálogos da novela de

²⁸ Disponível em: https://www.ihgdf.com.br/wp-content/uploads/2017/11/leopoldina_imperatriz_menck.pdf. Acesso em: 15 Abr. 2023

época trazem uma linguagem mais simples e com maior capacidade de disseminar o conhecimento histórico presente nas minuciosidades da teledramaturgia brasileira. Desde o figurino, até o conjunto da cena gravada, o telespectador consegue se aproximar imersamente na representação ficcional dos vestígios do passado, absorvendo informações históricas até então desconhecidas para o público leigo. Logo, a televisão se torna uma janela não apenas para as expressões culturais, mas também para a divulgação de conhecimentos históricos do nosso passado.

Canclini (2005) já havia apontado que os jovens da geração do começo dos anos 2000 seriam os primeiros a crescer com televisão e vídeo em cores, o que geraria um grande impacto nas suas relações culturais. Atualmente, as problemáticas da nova geração se insere para além da medialidade construída por meio da tela. Assim como a televisão surgiu enquanto “uma resposta tecnologicamente sintética a um conjunto novo e radical de necessidades sociais, políticas e econômicas” (Williams, 2016, p. 14), a internet trouxe novos desafios e demandas pertinentes à contemporaneidade. O maior desafio dos historiadores e educadores é saber como usar esse espaço digital, cercado por um excesso de conteúdos e fluidez, de forma que facilite a interação entre os meios culturais e o seu público. Apesar da midiaticização ter a característica de nos distanciar pelo uso das telas, nos isolando em um mundo digital próprio, ao mesmo tempo, a interconectividade nos possibilita criar conexões de proximidade e simultaneidade (CANCLINI, 2005, p. 173). Por isso, é necessário que o campo da História pratique a interculturalidade com a Comunicação e se alinhe com os estudos de mídia-educação (BELLONI, 2000) para que o historiador saiba como se comportar frente às novas demandas culturais da contemporaneidade.

Ao analisar a forma como a história cultural é representada no meio midiático, precisamos ter em mente que ela não é um monopólio dos historiadores. Em concordância com Almeida e Beccari, afirmamos que as linguagens audiovisuais apresentam “outros modos, nunca exclusivos de conhecer, interagir, sentir, experimentar e partilhar bens culturais” (2017, p. 14). Mesmo podendo não ser completamente verossímil à realidade histórica, esses novos modos são frutos dos fundamentos educativos do meio audiovisual. A televisão, ao contrário do que alguns ainda supõem, não promove a ignorância ou a completa alienação do seu público. Ela possui a capacidade de se aproximar do espectador que tem interesse em apreender conhecimento histórico, de forma mais fácil que qualquer livro escrito. De acordo com Arlindo Machado, a televisão é um fenômeno de massa, de grande

impacto na vida social e moderna, e por mais baixa que seja a audiência da televisão é, ainda sim, “uma audiência de várias centenas de milhares de espectadores, e portanto, muito superior à mais massiva audiência de qualquer outro meio” (2000, p. 30). Logo, a novela estabelece um processo de mediação cultural que não deve ser invalidado, mas sim autenticado como uma forma alternativa e mais acessível de abordar aspectos do discurso e do conhecimento histórico.

Referências

ALMEIDA, Rogério de. Pressão pedagógica e imaginário cinematográfico contemporâneo. *In: ALMEIDA, Rogério de; BECCARI, Marcos. Fluxos culturais: arte, educação, comunicação e mídias.* São Paulo: FEUSP, 2017.

ANDRADE, Rita M. Indumentárias em museus brasileiros: uma questão pública? *In: MERLO, Márcia (Org.) Memórias e museus.* São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação?** Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media.** Cambridge: The MIT Press, 2000.

BRAICK, Patrícia Ramos; BARRETO, Anna. **Estudar história: das origens do homem à era digital.** São Paulo: Moderna, 2018. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/002899327bc174f8124fc?authid=3A6q8Jozlh4K>. Acesso em: 20 Abr. 2023

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, Desiguales y Desconectados.** Barcelona: Editorial Gedisa, 2005.

CÂNDIDO, Manuelina. **Potencialidades da musealização, desafios da informação: estudo de caso a partir de museus de indumentária e moda.** Expressa extensão V. 19, N. 2, p.55-65, 2014

CAPANEMA, Letícia. **Reconfiguração do conceito de montagem na narrativa televisual expandida.** Revista Lumina, vol.08 n.01-2014.

CAUNE, Jean. **Cultura e comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação.** São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CONRADO, Guido; PEREIRA, Maria; RODRIGUES, Viviane. Vestindo histórias — O vestuário como ficção. *In: Org. BONADIO, Maria Claudia; MATTOS, Maria de Fátima. História e cultura de moda.* São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

DELPRIORE, Mary. **A carne e o sangue: A imperatriz D. Leopoldina, D. Pedro I e Domitila, a marquesa de Santos.** Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

ERLL, Astrid. **Memory in culture.** New York: Palgrave Macmillan, 2011

- FILIPECKI, Beth. O figurino na telenovela de época: estudo do caso “Lado a lado”. *In*: MERLO, Márcia (Org.) **Museus e moda: acervos, metodologias e processos curatoriais**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.
- FLUSSER, Vilém. **Comunicologia: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum**. São Paulo: Martins Fontes, 2014
- GLOBO, Memória. **Entre tramas, rendas e fuxicos - Figurino na teledramaturgia da TV Globo**. São Paulo: Globo, 2007.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada à sério**. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.
- MITTELL, Jason. **Complex TV: the poetics of contemporary television storytelling**. New York: New York University Press, 2015.
- MITTELL, Jason. Lengthy interactions with hideous men: Walter White and the Serial Poetics of television anti-heroes. *In*: PEARSON, Roberta; SMITH, Anthony. **Storytelling in the media convergence age: exploring screen narratives**. New York : Palgrave Macmillan, 2014
- SILVA, Camila Borges da. A indumentária no museu: algumas considerações sobre memória e patrimônio. *In*: BORGES, Camila; MONTELEONE, Joana; DEBOM, Paulo. **A história na moda, a moda na história**. São Paulo: Alameda, 2019
- SILVA, Camila Borges da. **O símbolo indumentário: distinção e prestígio no Rio de Janeiro (1808-1821)**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2010.
- SOUZA, Marcelle Lopes de. **O Poder Memorial Do Figurino De Leopoldina: A Representação Do Passado Na Telenovela Novo Mundo**. Dissertação (Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens), Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/15896>. Acesso em: 20 Mar. 2024
- WAJNMANN, SOLANGE; RODRIGUES, MARIANA C. F. T. **Midiatização e lógica expressiva de minisséries históricas: o caso de O Primo Basílio e Os Maias**. Matrizes, vol. 8, núm. 1, 2014, p. 235-254. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82941/85985>. Acesso em: 25 Abr. 2023
- WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. São Paulo: Boitempo, 2016.

Recebido em: 31 de julho de 2023

Aceito em: 13 de setembro de 2023
